

Ocorrência do *bullying* entre alunos de uma escola pública do município de Salvador, Brasil

Bullying occurrence among students in a municipal public school of Salvador, Brazil

Igor Souza Vila Nova^{1*}, Claudia Luísa Sena², Irismar Reis de Oliveira³

¹Psicólogo, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas, ICS – UFBA;

²Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas, ICS – UFBA;³ Professor Titular de Psiquiatria, Departamento de Neurociências e Saúde Mental, Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA.

Resumo

Introdução: o *bullying* ocorre entre 5% e 35% dos escolares, gerando prejuízos imediatos e duradouros. **Objetivo:** verificar a frequência do *bullying* numa escola pública municipal de Salvador. **Metodologia:** estudo sobre a ocorrência de agressões entre estudantes, através de questionários aplicados em 348 escolares, com idades entre 10 e 17 anos, no contexto de um estudo oferecendo treinamento baseado na Terapia Cognitiva Processual. O estudo restringiu-se à forma direta do *bullying*. **Resultados:** um total de 63% da amostra reportou envolvimento moderado ou frequente com o *bullying*, como agressor (22,6%), como vítima (29,5%) ou como agressor-vítima (10,9%). Os alunos do sexo masculino estão mais envolvidos com a forma direta da agressão do que os do sexo feminino. A frequência do *bullying* foi maior entre os alunos do 6º e 7º anos escolares do que entre alunos do 8º e 9º anos. **Conclusão:** a violência apresentou alta ocorrência na escola, assim como os agressores. A dinâmica da violência em cada contexto escolar e a ausência de critérios específicos sobre o fenômeno podem prejudicar a identificação do *bullying* e a comparação entre os diversos estudos. **Palavras-chave:** *Bullying*. Violência. Adolescente. Instituições acadêmicas.

Abstract

Background: bullying occurs between 5% and 35% of students, producing immediate and lasting damage. *Objective:* to determine the frequency of bullying among students in a public school in Salvador. *Methodology:* study on the occurrence of aggression among students, by way of questionnaires applied to 348 students aged 10 to 17 years, through training in trial-based cognitive therapy. The study was restricted to the direct form of bullying. *Results:* a total of 63% of the sample reported moderate or frequent involvement in bullying, as a bully (22.6%), as who was bullied (29.5%), or as both (10.9%). Male students are more involved in the physical and verbal aggressions than females. The occurrence of bullying was higher among students in 6th and 7th grade than among students in 8th and 9th grade. *Conclusion:* there was high occurrence of violence in the school, as well as a high number of bullies. The dynamics of violence in each school context and the absence of specific criteria regarding this phenomenon could bias the identification of bullying and the comparison between different studies.

Keywords: Bullying. Violence. Adolescent. Schools.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é entendido como um comportamento agressivo que ocorre entre estudantes, numa relação desigual de poder. Fenômeno considerado frequente, compreende atos repetidos e intencionais de opressão, humilhação, discriminação, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos, sem motivação evidente. A identificação do *bullying* é feita na persistência do comportamento hostil, repulsivo e intimidador contra a mesma pessoa ou grupo. (FANTE, 2005; BAPTISTA; OSORIO, 2011)

Segundo Olweus (1998), o maior estudioso sobre o assunto desde a década de 1970, o *bullying* é um problema mundial, comum a diversos países. Pode ser encontrado em qualquer escola, independentemente das característi-

cas sociais, culturais e econômicas dos alunos envolvidos, geralmente, ocorrendo em estudantes com idades entre os 10 e os 16 anos.

O *bullying* pode acontecer de forma direta e/ou indireta. A forma direta, representada por agressões físicas e verbais, é mais frequente entre os meninos. As meninas utilizam formas mais sutis e as agressões ficam no nível das calúnias, difamação, indiferença e exclusão de grupos, ações que configuram o *bullying* indireto. (BAPTISTA; OSORIO, 2011; LOPES NETO, 2005)

A classificação do *bullying* é realizada a partir dos comportamentos da criança e do adolescente, os quais constituem quatro categorias: autor (agressor), alvo (vítima), autor/alvo (agressor/vítima) e testemunha do *bullying*. (LOPES NETO 2005; FANTE; PEDRA, 2008; BANDEIRA; HUTZ, 2012)

Os efeitos do *bullying* estão associados a diversos transtornos mentais e se distribuem de forma diferente

Correspondente/Corresponding: *Igor Souza Vila Nova. Av. Reitor Miguel Calmon s/n – Vale do Canela. Salvador, Bahia, Brasil. CEP 40.110-100. Tel: (71)8810-6545. E-mail: igor_vila-nova@hotmail.com

para as três primeiras categorias diretamente envolvidas. As perturbações podem se estender até a vida adulta, prejudicando a adaptação psicossocial dos indivíduos envolvidos. (PASTORE et al., 2014)

O fenômeno foi investigado e confirmado por pesquisadores, passando a demandar maior atenção nas escolas. Achados indicando que de 5% a 35% das crianças em idade escolar estariam envolvidas com alguma forma de conduta agressiva na escola – atuando como autores ou vítimas – passaram a direcionar o foco das instituições escolares para a identificação do *bullying* como forma de impedir sua propagação. (FANTE, 2005)

O presente estudo faz parte de um ensaio clínico randomizado, ainda em andamento, sobre os efeitos de um treinamento com base na Terapia Cognitiva Processual (TCP), em estudantes de uma escola pública municipal de Salvador. Pretende-se observar a existência do *bullying*, a frequência com que o fenômeno ocorre entre os alunos e identificar as características que assume na referida escola.

MATERIAIS E MÉTODOS

O Programa de Prevenção com base na TCP utilizou um conjunto de questionários, reunidos no *Caderno do Aluno*, junto aos estudantes de uma escola pública municipal, e parte dos dados coletados se encontra neste artigo. A pesquisa recebeu parecer do comitê de ética, sob o número 966.202, emitido em 26 de fevereiro de 2015.

A investigação dos dados coletados ficou restrita aos itens: sexo, data de nascimento e ano escolar, do *Questionário sociodemográfico*; e a duas questões referentes ao *bullying* do *Questionário multidimensional*.

Neste estudo, o *bullying* foi avaliado apenas na sua forma direta e, especificamente, quanto à frequência e duração (últimos seis meses), buscando saber, numa questão, se o aluno sofreu e, na outra, se praticou o ato. Também não existiu distinção entre subcategorias do *bullying* direto, como verbal ou físico. (MARTINS, 2005)

As duas questões sobre o *bullying* permitiram separar os alunos conforme os grupos descritos na literatura: testemunhas, vítimas, agressores e agressores-vítimas. (LOPES NETO 2005; FANTE PEDRA 2008; BANDEIRA; HUTZ, 2012)

O critério de inclusão exigiu que os alunos estivessem matriculados e cursando do 5º ao 9º ano escolar. O critério de exclusão compreendeu os alunos que não preencheram completamente os itens do *Questionário sociodemográfico* e as duas questões sobre *bullying* do *Questionário multidimensional*. Dos 348 alunos que responderam ao *Caderno de Avaliação*, 336 preencheram completamente e foram considerados para análise dos dados.

A tabulação dos dados foi realizada pelos dois pesquisadores deste estudo e ocorreu em três momentos. No primeiro momento, cada pesquisador tabulou os dados dos questionários de seis turmas. No segundo momento, os pesquisadores trocaram o conjunto de questionários e realizaram a tabulação das outras seis turmas. No terceiro momento, os dois pesquisadores, de posse da tabulação das 12 turmas, verificaram a concordância entre as tabulações para gerar a tabela de análise.

A idade dos alunos variou de 10 aos 17 anos, estando poucos participantes no limite inferior e superior. Neste estudo, foi assumido como limite inferior <11 anos, incluindo os alunos com 10 anos de idade, e como limite superior 16< anos, incluindo aqueles com 17 anos de idade.

Os alunos que não se envolvem em *bullying* são descritos como grupo das testemunhas em alguns estudos, uma vez que observam o erro, segundo a definição sobre o que seria a não participação; por entender que o aluno poderia participar como testemunha ao presenciar o *bullying*. (ANDRADE; SOARES, 2010) Para o estudo em questão, a designação do grupo não envolvido foi compreendida como o distanciamento do aluno com a experiência de agressão na escola.

As duas perguntas a respeito do *bullying* no *Questionário multidimensional* investigaram a ocorrência do fenômeno ao longo do último semestre e ofereceram quatro opções de resposta: (0) Não sofri/pratiquei *bullying*; (1) Uma ou duas vezes; (2) Duas ou três vezes por mês; (3) Cerca de uma vez por semana e (4) Várias vezes por semana. Neste estudo, as opções de respostas foram dispostas em três categorias: Nunca – representando a resposta (0); Moderado – representando as respostas (1) e (2); e Frequente – representando as respostas (3) e (4). (ISOLAN et al., 2013)

Com respeito ao critério de frequência para identificação do *bullying*, a categoria Frequente foi considerada como marcador do fenômeno entre os estudantes. (ISOLAN, 2012)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos da escola pública municipal se distribuíram com equilíbrio quanto ao sexo, apresentando diferenças significativas sobre as seguintes variáveis: Idade, Ano escolar e Turno (Tabela 1).

Na escola, 86,9% dos alunos tinham entre 11 e 14 anos de idade, 52,6% eram do sexo masculino, 63,4% cursavam o 6º ou 7º ano e 62,8% frequentavam o turno matutino.

Tabela 1 – Perfil dos Alunos (n=336)

	Idade						>Total
	< 11	12	13	14	15	16	
Sexo							
Masculino	26	37	43	48	14	9	177
Feminino	38	36	33	31	12	9	159
Ano escolar							
6º	56	38	22	5	4	0	125
7º	8	31	27	16	6	0	88
8º	0	4	20	22	6	3	55
9º	0	0	7	36	10	15	68
Turno							
Manhã	64	69	58	15	5	0	211
Tarde	0	4	18	64	21	18	125
Total	64	73	76	79	26	18	

Fonte: Dados da pesquisa

Observou-se alta frequência de alunos com idades superiores ao ano escolar em que estão cursando. A taxa de atraso escolar foi de 52%, entre os alunos com 12 anos; de 64,4%, entre os de 13 anos; e de 54,4%, entre os de 14 anos. Somando os alunos com 15 e 16 anos ao grupo de alunos atrasados aos 14 anos, verificou-se que 70,7% encontraram-se fora do ano escolar correspondente.

Cook et al. (2010) realizaram uma meta-análise para identificar, entre fatores individuais e socioambientais, quais serviriam como preditores das agressões na escola. Restringindo aos fatores individuais: o comportamento externalizante e os pensamentos negativos sobre os outros seriam preditores para os agressores; o *status* entre os pares e a competência social estariam relacionados às vítimas; e os pensamentos negativos sobre si mesmo e a competência social indicariam os agressores/vítimas.

Ao evidenciar que os alunos regulares ocupam posição de minoria, diante de jovens mais velhos, o contexto escolar preencheu o critério para ocorrência do *bullying* – desigualdade de poder – e pode ter contribuído para as agressões (Tabela 2).

Tabela 2 – Sofreram ou não *bullying* na escola

	Nunca %	Moderado %	Frequente %
Sexo			
Masculino	36,3	15,5	0,9
Feminino	34,2	12,5	0,6
Idade			
<11	14,9	3,9	0,3
12	13,7	7,8	0,3
13	15,5	7,1	0
14	16,9	6	0,6
15	5,9	1,8	0
16>	3,6	1,4	0,3
Ano escolar			
6º	26,2	10,8	0,3
7º	18,1	7,7	0,3
8º	12,8	3,5	0
9º	13,4	6	0,9
Turno			
Manhã	43,1	19,1	0,6
Tarde	27,4	8,9	0,9
Total	70,5	28	1,5

Fonte: Dados da pesquisa

Dos alunos que responderam ao *Questionário multidimensional*, 70,5% não sofreram agressões, 28% sofreram agressões moderadas e 1,5% seriam considerados vítimas do *bullying*.

Relacionando a ocorrência de agressão ao sexo dos alunos, verificou-se que os meninos estavam ligeiramente mais envolvidos como vítimas do que as meninas. Os dados encontrados neste estudo confirmam os achados da literatura (LISBOA et al., 2014), mas podem refletir um viés decorrente do instrumento de coleta não ter verificado a ocorrência da forma indireta de *bullying*. (BRAGA; LISBOA, 2010; SILVA et al., 2012)

Embora a maioria das agressões tenha sido dirigida aos alunos com até 14 anos de idade e se concentrado no 6º e no 7º anos escolares, a vitimização distribuiu-se com uniformidade entre as idades, tendo sido acentuada para os adolescentes de 14 anos e para os que cursavam o 9º ano escolar. Além disso, as agressões diretas ocorreram com maior frequência no turno vespertino, onde a concentração de alunos com atraso escolar costuma ser maior, nas escolas públicas municipais.

Comparativamente, as taxas de vitimização ocorreram com maior frequência na literatura, chegando a 17,6% na cidade de Pelotas, região localizada no sul do Brasil (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011) e a 14% num estudo realizado em 40 países pela Organização Mundial de Saúde, entre 2005 e 2006.

A reduzida frequência dos casos de vítimas direcionou a atenção dos pesquisadores, neste estudo, para a possibilidade das agressões não se repetirem para um mesmo alvo, já que a frequência moderada foi de 28%. O resultado sugeriu que os agressores poderiam alternar o foco da violência dentre diferentes alvos, fazendo com que a ocorrência da violência no contexto escolar seja alta, mas, em contrapartida, reduz os casos de vitimização e cria um viés no presente estudo.

A Tabela 3 auxilia na percepção do *bullying*, conforme os alunos que assumiram o papel de agressor

Tabela 3 – Praticaram ou não *bullying* na escola

	Nunca %	Moderado %	Frequente %
Sexo			
Masculino	37,5	11,6	3,6
Feminino	39,9	5,9	1,5
Idade			
<11	16,9	1,8	0,3
12	17,3	3,9	0,6
13	16,4	4,6	1,5
14	16,4	5,4	1,8
15	5,6	1,8	0,3
16>	4,8	0	0,6
Ano escolar			
6º	30,1	5,4	1,8
7º	19,6	5,3	1,2
8º	11,9	3,5	0,9
9º	15,8	3,3	1,2
Turno			
Manhã	48,8	10,9	3
Tarde	28,6	6,6	2,1
Total	77,4	17,5	5,1

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à prática de agressões na escola, 77,4% dos alunos não agrediam, 17,5% praticavam agressões com frequência moderada e 5,1% foram identificados como autores do *bullying*.

A distribuição da frequência do envolvimento com o *bullying*, na categoria de autor, seguiu os demais estudos,

mas na categoria de vítima ficou abaixo do encontrado por Isolan et al. (2013) em Brasília, onde 5,7% dos alunos foram identificados como vítimas e 7,6% como agressores. Os dados deste estudo distanciaram-se ainda mais dos encontrados numa amostra de estudantes em São Paulo, em que 21,7% dos alunos se envolviam como vítimas e 5,8% como autores. (COLL et al., 2010)

Com base no sexo dos alunos, os meninos estavam mais envolvidos com a forma direta de agressão, chegando ao dobro dos casos. Novamente, a falta de investigação sobre a forma indireta pode ter mascarado a real participação das meninas no papel de agressoras, como foi demonstrado em outros estudos. (NANSEL et al., 2004; MALTA et al., 2010)

Conforme a Tabela 3, os agressores se concentraram nas idades entre 13 e 14 anos, tendo a maior frequência no 6º ano e a menor no 8º ano escolar, e ocorrendo mais no turno matutino. Retomando a Tabela 1, observou-se que 55,2% dos alunos no 6º ano estavam atrasados nos estudos, contando 12 anos ou mais de idade. Também foi possível identificar que os alunos do 6º ano com idade até 13 anos concentraram-se no turno matutino.

A ocorrência do *bullying* não é exclusiva de determinadas faixas etárias, como se pensou no passado, embora a faixa de transição entre a infância e a adolescência concentre as maiores frequências. O atual estudo indicou esta tendência na distribuição das agressões entre os escolares. (TORTORELLI; CARREIRO; ARAÚJO, 2010; LISBOA et al., 2014)

A Tabela 4 foi obtida pelo cruzamento dos dados entre as Tabelas 2 e 3. A nova tabela possibilitou a identificação de 0,3% dos alunos como agressores/vítimas, indicando também que 58,6% não se envolveram com as agressões, no semestre.

Tabela 4 – Praticaram/Sofreram ou não *bullying* na escola

	Praticaram		
	Nunca %	Moderado %	Frequente %
Sofreram			
Nunca	58,6	9,5	2,4
Moderado	18,2	7,6	2,4
Frequente	0,6	0,6	0,3

Fonte: Dados da pesquisa

Os achados do presente estudo quanto ao grupo de agressores/vítimas também divergiram da literatura, onde as frequências estiveram muito acima: 10,9%. (LOPES NETO; FIGUEIRA; SAAVEDRA, 2004), 9,2% (COLL et al., 2010) e 9,6% (ISOLAN et al., 2013) Contudo, os resultados do estudo em 25 escolas das regiões do Brasil indicaram que os menores índices para todos os grupos eram encontrados na região Nordeste, com 5,4% de vítimas e 7% de

agressores, segundo o Centro de Empreendedorismo Social e Administração Em Terceiro Setor (CEATS) e a Fundação Instituto de Administração (FIA) (2010) O mesmo padrão nas frequências foi encontrado pelo estudo PeNSE, em 2010, envolvendo 60.973 alunos do 9º ano escolar de 27 capitais brasileiras, onde o Nordeste apareceu com 4,2% de vítimas, sendo também a menor taxa observada. (MALTA et al., 2010)

Alguns estudos, como o relatório do programa *Plan Brasil* e outro desenvolvido em Porto Alegre, consideraram a frequência moderada como objeto de atenção para a análise das agressões na escola, segundo o CEATS e a FIA (2010) e Isolan et al. (2013) A alternância que os autores do *bullying* podem fazer sobre os alvos de suas agressões explicaria a redução da taxa de frequência.

As pesquisas sobre a ocorrência do *bullying* em todo o mundo não estabeleceram instrumentos de medida validados; e o uso dos critérios de duração e frequência da agressão variam bastante na literatura. (ESPELAGE; SWEARER, 2003; CROTHERS; LEVINSON, 2004) A falta de parâmetros para a medida do fenômeno explicaria parte da diferença encontrada, sendo a outra parte explicada pela restrição das perguntas sobre a forma direta das agressões.

A ocorrência da violência, considerada como soma dos casos moderados e frequentes das tabelas, indicou que 29,5% dos escolares sofreram agressões; 22,6% foram autores de agressões; e 10,9% estiveram envolvidos como autores/alvos das agressões.

O risco relacionado às taxas de violência no ambiente escolar fortalece a necessidade de programas de combate ao *bullying*. Contudo, as escolas da rede pública de Salvador não implantaram essa rotina, assim como a maioria das instituições de ensino no Brasil. (SILVA, 2004)

CONCLUSÃO

A ocorrência de violência no contexto escolar é alta e a frequência do *bullying* para os grupos de vítimas (1,5%) e agressores/vítimas (0,3%) aparece abaixo do encontrado em estudos anteriores. Porém, a frequência para o grupo de agressores (5,1%) correspondeu à literatura.

A distribuição do *bullying* na forma direta é mais frequente em alunos do sexo masculino, com idade inferior aos 14 anos, que cursam o 6º ou o 7º ano escolar. Paradoxalmente, um número maior de agressores cursa o turno matutino, enquanto número maior de vítimas cursa o turno vespertino.

O desequilíbrio entre a ocorrência do *bullying* nos grupos pode refletir uma inadequação do instrumento utilizado para coleta dos dados e fatores socioambientais não observados neste estudo. Futuros estudos que contemplem a forma indireta das agressões podem colaborar para uma maior precisão na identificação do fenômeno. Além disso, a ampliação do conhecimento sobre a dinâmica da violência nas escolas poderia contribuir para criação de critérios de identificação mais específicos.

AGRADECIMENTOS

Nosso sincero agradecimento à equipe da Escola Municipal Visconde de Cairu em Salvador – Ivete Araújo Pereira (diretora), Ana Gabriela Cruz dos Santos (vice diretora, turno matutino), Fátima Falci Ferreira (vice diretora, turno vespertino), Marília Rodrigues dos Santos Hirsch da Silva (coordenadora pedagógica); aos Secretários Municipais de Educação, Jorge Khoury Hedaye, da administração passada, e Guilherme Bellintani, da atual administração, assim como os seus Coordenadores para Inclusão Social, Luciene Costa (administração passada) e Tainã Rodrigues (atual administração) e à psicóloga Andrea Moura.

Agradecidos pelo apoio e financiamento da Global Participações em Energia, com Jones Aranha de Sá (presidente) e Juliano Matos (diretor).

Todos contribuíram e são reconhecidos por viabilizar a construção deste artigo sobre *bullying*, a partir do projeto realizado em escolas municipais de Salvador, BA.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre gêneros. *Psicol. Esc. Educ.*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012.
- BAPTISTA, F. N.; OSORIO, L. C. *Adolescentes: o desafio de entender e conviver*. Florianópolis: Insular, 2011.
- BRAGA, L. L.; LISBOA, C. Estratégias de Coping para lidar com o Processo de Bullying: Um estudo qualitativo. *R. Interam. Psicol.*, Porto Alegre, n. 44, p. 321-331, 2010.
- CENTRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E ADMINISTRAÇÃO EM TERCEIRO SETOR (CEATS). FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO (FIA). *Bullying escolar no Brasil*: relatório final. São Paulo: 2010.
- COLL, G. E. S. *Comportamentos violentos (foco em bullying) e uso de substâncias psicoativas por alunos do ensino médio e fundamental de Botucatu, Brasil*. 2010. 83 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.
- COOK, C.R. et al. Predictors of bullying and victimizations in childhood and adolescence: a meta-analytic investigation. *Sch. Psychol. Quart.* Washington, v. 25, n. 2, p. 65-83, 2010.
- CROTHERS, L. M.; LEVINSON, E. M. Assessment of bullying: A review of methods and instruments. *J. Counseling. Develop.*, Pennsylvania, v. 82, p. 496–502, 2004.
- ANDRADE, D. A. D. de; SOARES, L. D. S. Bullying: uma realidade na escola. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 16., 2010, Natal. *Anais...* Natal: Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- OLIVEIRA, I. R. *Terapia cognitiva processual*: manual para clínicos. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- ESPELAGE, D. L.; SWEARER, S. M. Research on school bullying and victimization: What have we learned and where do we go from here? *Sch Psychol R*, Bethesda, v. 32, p. 365-383, 2003.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.
- FANTE, C.; PEDRA, C. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ISOLAN, L. R. *Ansiedade na infância e adolescência e bullying escolar em uma amostra comunitária de crianças e adolescentes*. 166 f. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ISOLAN, L. R. et al. Victims and bully-victims but not bullies are groups associated with anxiety symptomatology among Brazilian children and adolescents. *Eur. child adolesc. psychiatry.*, Berlin v. 10, n. 22, p. 641-648, 2013.
- LISBOA, C. S. M. et al. Mitos e fatos sobre bullying. In: LISBOA, C. S. M.; WENDT, G. W.; PUREZA, J. R. (Org.). *Mitos e fatos sobre bullying: orientações para pais e profissionais*. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.
- LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *J. pediatr.*, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- LOPES NETO, A. A.; FIGUEIRA, I. S.; SAAVEDRA, L. H. *Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência, 2004. Disponível em: <<http://www.observatorioda infancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>, Acesso em: 8 ago. 2015.
- MALTA, D. D. et al. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE) 2009. *Ciênc. saúde colet.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 3065-3076, 2010.
- MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Rev. Port. Educ.*, Braga – Portugal, v. 1, n. 18, p. 93-105, 2005.
- MOURA, D. R. de; CRUZ, A.C. N.; QUEVEDO, L. de A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J. pediatr.*, Porto Alegre, v. 87, n. 1, p. 19-23, 2011.
- NANSEL, T. R. et al. Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. *Arch. pediatr. adolesc. med*, Bethesda, v. 158, n.8, p. 730-736, 2004.
- OLWEUS, D. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid: Morata, 1998.
- PASTORE, E. et al. *Bullying e psicopatologias: identificando fatores de risco*. In: LISBOA, C. S. M.; WENDT, G. W.; PUREZA, J. R. (Org.). *Mitos e fatos sobre bullying: orientações para pais e profissionais*. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.
- SILVA, M. N. *Escola e comunidade juntas contra a violência escolar: diagnóstico e esboço de plano de intervenção*. 182 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- SILVA, R. A. et al. Bullying and associated factors in adolescents aged 11 to 15 years. *Trends Psychiatry Psychother*, Porto Alegre, n. 34, v. 1, p. 19-24, 2012.
- TORTORELLI, M. F. P.; CARREIRO, L. R. R.; ARAÚJO, M. V. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. *Psicol. teor. prá.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 32-42, 2010.

Submetido: 15/10/2015

Aceito em: 20/10/2015